

Sobre **crise** e **conflito**

A Psicanálise considera que o conflito constitutivo do ser humano se dá quando o sujeito se opõe a exigências internas contrárias. Deve-se considerá-lo em diversas perspectivas: conflito entre o desejo e a vontade; entre o desejo e a defesa; entre diferentes instâncias ou sistemas ou conflito entre pulsões¹.

Já o conflito social envolve uma categoria ou grupo de pessoas e aparece quando há uma contraposição de interesses, em que o interesse particular de uma parte se coloca contra o de outra parte. Seria um embate de opiniões, uma discussão acompanhada de ameaças ou, até, de injúrias.

As partes envolvidas em um conflito podem receber apoio de outras pessoas que mesmo estando fora do processo, solidarizam-se com a causa que aquelas defendem, criando um efeito multiplicador que pode ser positivo ou negativo de acordo com as dimensões geradas pelas conseqüentes ocorrências de fatos. Assim é que nascem as revoluções, as grandes transformações sociais ou, simplesmente, as mudanças nas relações entre as pessoas.

Crise, nesse contexto, é a manifestação violenta de um sentimento ou a ruptura de um estado de equilíbrio, é a evolução de fatos, das coisas, da conjugação de fatores ou acúmulo de situações do cotidiano que não foram ou conseguiram ser superadas pelos agentes envolvidos no processo.

Conforme os níveis dos problemas enfrentados, o estresse provocado em uma pessoa será maior ou menor, e o seu tempo de superação será conforme o grau de compreensão, capacidade de solução e maturidade emocional ou moral com que esta pessoa conseguirá lidar com esse momento de conflito interno (psíquico) ou externo (social ou legal).

Entende-se que algumas pessoas podem reagir positivamente nessas situações enquanto outras não, devido à maneira como cada um de nós pode lidar com uma situação estressante de crise.

A exacerbação dos ânimos gerada por situações de crise pode perpetuar conflitos constantes entre determinados grupos de pessoas, haja vista as disputas oriundas em questões ou crises religiosas, crises familiares, crises diplomáticas, crises políticas, entre outros exemplos.

No que se desencadeiam destas situações cumulativas ou sucessivas de conflitos de interesses, dificilmente pode ser prevista a sucessão de eventos que irá acontecer. O que se sabe é que se deve procurar por um rápido desfecho conciliatório, que seja mediado dentro de uma perspectiva em que todos os envolvidos possam se sentir satisfeitos com o resultado, que levará novamente ao estado de equilíbrio e harmonia.

Mario Enzio